

No Ato de Fundação da Escola Francesa de Psicanálise, em 21 de junho de 1964, Lacan propõe a Escola como “o organismo onde deve se cumprir um trabalho”. E em seguida ele define os objetivos deste trabalho, quais sejam: “Restaurar, no campo aberto por Freud, a relha cortante de sua verdade: que conduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo; que, por uma crítica assídua, aí denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego”.

Trata-se, segundo Lacan, de um movimento de reconquista de um campo. A utilização de termos bélicos é constante; mas, evidentemente, a guerra é tomada por Lacan como uma extensão da política – como já se antevia na “Direção do tratamento e os princípios de seu poder” quando propôs que a liberdade tática e estratégica não justifica a perda da orientação política –, algo que será mais bem formalizado no seminário do Ato e na Proposição de 09/10/67.

O que quero ressaltar aqui, entretanto, é a aposta de Lacan de que a execução desse “trabalho de base” se dê através desse “pequeno grupo” que ele chama de cartel.

No dicionário, pode-se encontrar vários sentidos para “base”: sustentáculo, apoio, suporte, alicerce, princípio, origem. A partir dessas acepções, pode-se afirmar que, sem cartel, não há Escola. Mas é preciso acrescentar, ainda, o sentido militar. Nesse sentido, há duas bases: A base avançada que é a base militar provisória, a qual se localiza em área avançada do campo de operações e tem a função de apoiar as unidades envolvidas nas operações em curso. E a base de operações que é o acampamento militar onde são planejadas as ofensivas e para onde os soldados retornam caso a missão fracasse. Portanto, seja na ofensiva, ou na defensiva, a base é um local fundamental para as operações estratégicas e táticas que permitem sustentar uma operação política qualquer.

Por outro lado, curiosamente, no Preâmbulo deste mesmo “Ato de fundação”, Lacan propõe a separação entre o ensino e os dispositivos de garantia: “esta fundação, pode-se de início levantar a questão de sua relação ao ensino que não deixa sem garantia a decisão de seu ato. Estabelece-se que por mais qualificados que possam ser aqueles capacitados para aí discutir este ensino, a Escola não só não depende dele, como também não o ministra pois é realizado fora. Efetivamente, se por este ensino foi revelada a existência de uma audiência ainda insegura de si, na virada que fez a Escola, mais ainda importa marcar o que as separa.”

A questão do lugar do ensino me parece fundamental, sobretudo se lembrarmos que sua idéia está articulada historicamente com a educação. Educar: trata-se de um dos impossíveis freudianos, e observarmos que dessa impossibilidade Lacan escreveu o Discurso Universitário. Ora, do meu ponto de vista, pode-se extrair daí uma conseqüência bastante reveladora: se a noção moderna de infância corresponde ao imperativo moderno “eduque-se”, que encontra sua versão mais bem acabada no *Emílio* de Rousseau, podemos propor que o “dispositivo de infantilidade” passa a ser um dos principais instrumentos de controle e domínio da subjetividade no mundo capitalista, ao que Lacan chamou de “infância generalizada”. O “tempo para se educar” corresponderá, então, ao tempo da transição entre a criança e o adulto, aquele que supostamente é educado, maduro, desenvolvido, adaptado. O discurso universitário cria a criança no lugar de objeto, deixando o sujeito do inconsciente impotente para alcançar sua verdade.

Saber ° Criança
Mestre // Sujeito

Retomo esse ponto que, evidentemente necessitaria de mais tempo para ser desenvolvido, apenas para mostrar a relação intrínseca da infância generalizada com o DU. Assim, se privilegiarmos o ensino, em detrimento do trabalho em cartéis, não estaremos renunciando rápido demais à crítica assídua, ou, por outro lado, fazendo concessões demais ao DU. Editaríamos, de certa forma, contribuindo para certa infantilização dos chamados alunos, contribuindo para uma relação de mestria, em detrimento da “produção própria de cada um”.

Pois a noção precisa de Lacan de “garantia gratuita” é a lógica que orienta nossa formação, orienta nossa clínica e desejamos que oriente nossa experiência de Escola. A questão que eu gostaria de propor para o debate a céu aberto, nesta plenária, portanto, é exatamente esta: como estão nossas bases?

Concluindo, queria apenas chamar a atenção de vocês para essa expressão: “A céu aberto”, a qual, curiosamente, é utilizada por Lacan para se referir à Psicose. Vejam: a Escola, enquanto abrigo, ao contrário do que possa parecer, nos remete necessariamente à nossa condição de desamparo fundamental: no fundo, estamos todos à céu aberto. A precariedade de nossa condição nos remete forçosamente à realidade de que não há abrigo pronto ou definitivo já que o estado em que vivemos é sempre de emergência. Cabe a cada um reconstruí-lo e sustentá-lo a cada dia. Nesse sentido, parece-me que a idéia de que cada um possa, periodicamente, expor sua produção a céu aberto, remete exatamente a essa contingência, a esse conjunto aberto, não-todo, que é a Escola. O campo lacaniano, portanto, não é um campo fechado a ser reconquistado, mas um campo aberto, que precisa ser conquistado por cada um, a cada vez, a cada ocorrência contingencial do discurso do psicanalista.

Para isso, precisamos apostar no cartel.